

CONTOS DE MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA POR MEIO DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO¹

Susana Araujo Oliveira, (UNESPAR/FECILCAM) sa.olly@hotmail.com
Wilma dos Santos Coqueiro (OR), (UNESPAR/FECILCAM), wilmacoqueiro@ibest.com.br

RESUMO: Esse artigo tem por objetivo apresentar o trabalho com o gênero conto, principalmente machadianos, por meio do Método Receptional, de Bordini e Aguiar (1993), partindo das observações e da regência realizada na disciplina de Língua Portuguesa, em uma turma do 2º ano do Ensino Médio, de um Colégio Estadual, da cidade de Campo Mourão. O trabalho com contos, principalmente contos machadianos que são ricos em suas temáticas e estruturas ficcionais, foi desenvolvido na referida turma, tendo como pressuposto que a melhor forma de criar condições para que os alunos se interessem pela prática da leitura é por meio da literatura. Por meio dos contos machadianos, podemos aproximar os temas com a realidade social, estimulando a reflexão e a imaginação do indivíduo. Dessa forma, o presente trabalho fundamenta-se nas DCE's (2008), nas considerações sobre o trabalho com a leitura em sala de aula de Zilberman (1986), tendo em vista a função humanizadora inerente à leitura de textos literários assim como a função formadora, capaz de transformar indivíduos em seres pensantes e críticos, como postula Antonio Candido (1972).

PALAVRA-CHAVE: *Literatura Brasileira; Estética da Recepção; Contos machadianos.*

INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado de um estudo bibliográfico e de um trabalho desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa, em um colégio estadual de Campo Mourão, no segundo ano do ensino médio, pela disciplina de estágio supervisionado da Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão.

Com as aulas anteriormente observadas, foi constatada uma acentuada deficiência na atividade de leitura na classe em referência, uma vez que os professores trabalham mais fragmentos de romances que predominam nos livros didáticos, sem, posteriormente, uma discussão sobre estes, não havendo um aprofundamento de análise nesses textos. Podemos até mesmo dizer, que o texto se torna um objeto para chegar a outro fim que, nesse caso, tem sido, muitas vezes, o ensino gramatical.

Por isso, esse estudo foi destinado à leitura do gênero conto, e como este foi trabalhado em sala de aula, tendo como crença que a melhor forma de criar condições para que os alunos se interessem pela prática da leitura, sendo essa uma atividade agradável, é por meio da literatura.

O desenvolvimento das aulas seguiram os pressupostos teóricos do Método Receptional, desenvolvido pelas professoras Bordini e Aguiar, em 1988, com base nos aportes teóricos da Estética da Recepção, de Jauss.

¹ Trabalho de conclusão do curso de Letras, desenvolvido no ano de 2011, na Unespar/Fecilcam.

O foco se deu, principalmente, com os contos machadianos, que são ricos em suas temáticas e estruturas ficcionais. Além disto, a escolha deveu-se ao fato de Machado ser considerado o melhor escritor do movimento Realista e de que, ainda hoje, seus contos, poemas e crônicas, entre outros, são lembrados com muita ênfase.

Assim, esse trabalho apresentou como objetivo discutir sobre a situação do ensino de literatura nas escolas e sobre metodologias diferenciadas de ensino que colocassem em foco o leitor e sua interação com o texto. A seguir, foram abordadas as teorias de Zilberman (1986) com as preocupações da leitura em sala de aula, e como melhorar tal impasse; de Candido (1989), sobre a função humanizadora inerente à leitura de textos literários assim como a função formadora capaz de transformar indivíduos em seres pensantes e críticos; das DCES (2008), as quais trazem um relato que, segundo Candido (1972), mostra que as leituras de textos literários são “de valor importantíssimo, por se ligar à vida social. A literatura é vista como uma arte que transforma e humaniza o homem e a sociedade, e também formadora do sujeito.”. Também se respalda nos estudos de Bordini e Aguiar (1993), com a Estética da Recepção (de Jauss), tendo utilizado esta teoria para a metodologia no período de regência; a riqueza dos contos, principalmente de Machado de Assis; e por fim, a experiência vivenciada no período de regência.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DO ENSINO DE LITERATURA

A literatura, atualmente, tem um valor importantíssimo na educação, pois promove além da prática da leitura, o apreço por esta, fazendo com que o leitor se torne mais crítico, tendo uma ideologia formada, para não ficar alienado com as ideologias que são, muitas vezes, impostas na sociedade atual, a qual está impregnada de diversos valores e crenças.

Zilberman (1985), em seu livro *Leitura em Crise na Escola*, faz uma relação de afinidade entre a escola e a leitura, mostrando que é por meio da primeira que o aluno se habilita à leitura, e que se a leitura está em crise é porque há algo errado na maneira como está se ensinando. A autora nos traz também a preocupação em relação de como a leitura está sendo efetivada, pois muitos professores ficam presos aos livros didáticos os quais, por sua vez, normalmente trazem somente trechos de textos literários, sem um aprofundamento nos mesmos. Logo em seguida, vêm as perguntas que somente são decodificadas, sem uma discussão sobre o texto lido, não havendo, muitas vezes, a compreensão daquilo que se leu por parte dos alunos. Assim, Zilberman (1985, p.21) ressalta a urgência de reingressar a prática da leitura na sala de aula, pois “significa o resgate de sua função primordial, buscando, sobretudo, a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção.”. A autora salienta também a importância da literatura nesta prática:

Se é a literatura de ficção, que deflagra a experiência mais ampla da leitura, sua presença no âmbito do ensino provoca transformações radicais, e revela a possibilidade de ruptura com os laços ideológicos que convertem a escola em sala de espera de engrenagem burguesa. (1985, p. 22).

Candido (1989, p. 110), em seu artigo “Direitos Humanos e Literatura”, ressalta a importância da literatura na sociedade, mostrando também, como deveríamos agir sobre direitos humanos, pois pensar sobre tal assunto “tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”. Pois é inato do ser humano acreditar que seus direitos sempre são mais urgentes que do outro.

Assim, temos os bens compressíveis, que seriam coisas, objetos de nosso interesse, sem ser algo verdadeiramente necessário para nossa sobrevivência. E os bens incompressíveis, que não podem ser negados a qualquer indivíduo, pois é algo que precisamos, que é necessário para termos uma vida digna, como por exemplo: a comida, saúde, educação, e também a fruição da arte e da literatura, pois segundo Candido, ela age no subconsciente e no inconsciente do ser humano. Na citação a seguir, Candido mostra de forma clara a importância desta.

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1989, p. 113)

Portanto, a literatura se torna indispensável na formação de personalidade, emoções, expressões, reflexão, aquisição do saber, percepção da complexidade do mundo, criatividade, criticidade de um indivíduo, desenvolvendo “em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (CANDIDO, 1989, p.117).

Segundo as DCES (2008) de Língua Portuguesa, que são uma referência aos professores e utilizada como meio de auxílio no ensino e aprendizagem, relatam que

... é tarefa da escola possibilitar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade de inseri-los nas diversas esferas de interação. Se a escola desconsiderar esse papel, o sujeito ficará à margem dos novos letramentos, não conseguindo se constituir no âmbito de uma sociedade letrada. (DCES, 2008, p.48)

Dessa forma, as DCEs tomam como princípio para um ensino de literatura condizente com a realidade dos alunos o método recepcional, de Bordini e Aguiar, autoras que propuseram tal método a partir da estética da recepção de Hans Robert Jauss, considerado por Zappone (2009), o representante mais importante da teoria em referência, que privilegia o leitor, e segundo a qual a leitura se efetiva somente no ato de recepção:

... visto que essas teorias buscam formar um leitor capaz de sentir e de expressar o que sentiu, com condições de reconhecer, nas aulas de literatura, um envolvimento de subjetividades que se expressam pela tríade obra/autor/leitor, por meio de uma interação que está presente na prática de leitura. A escola, portanto, deve trabalhar a literatura em sua dimensão estética. (DCEs, 2008, p. 58)

Zappone, em seu estudo sobre a *Estética da Recepção* (2009), citando Jauss (1978;1994) o qual coloca o “leitor e a leitura como elementos privilegiados nos estudos literários” (ZAPPONE, 2009, p.191), salienta que em uma abordagem literária é preciso considerar o aspecto sincrônico, ou seja, o momento em que o texto foi escrito, e o aspecto diacrônico, que é a evolução histórica, pois “para Jauss, a história literária baseada no critério recepcional não é um processo linear, sequencial, de obras literárias, mas um conjunto aberto de possibilidades, já que sentidos novos podem ser vistos em textos antigos, o que permite um constante reavaliar dos textos literários.” (ZAPPONE, 2009, p.197). Além disso, é preciso considerar a construção da experiência de vida do leitor, pois a recepção condensa duas concepções do leitor: uma é a do leitor “indivíduo”, que interpreta o objeto estético guiado pelos seus sentimentos, pelas suas experiências e pelas suas impressões; a outra é a do leitor como entidade coletiva, inserido em um determinado período histórico, cultural, social e temporal. Por isso, fatores como idade, sexo e religião podem ser considerados também fatores determinantes para a atribuição de sentido a uma obra.

A estética da recepção, segundo Zappone, considera que o sentido da obra é principalmente do leitor, porém, não significa que quaisquer interpretações são válidas para uma determinada obra. Jauss afirma que o texto pode ser comparado a uma partitura, a qual o intérprete da música tenta colocar nela suas próprias emoções e sentimentos, mas o que vai determinar o que será tocado é a própria partitura. Assim também é a obra de arte.

Os postulados teóricos da Estética da Recepção por Jauss, a qual se interessa por uma reflexão sobre o receptor da obra de arte, por sua experiência estética e por sua forma de compreendê-la, transformados no *Método Recepcional* de Bordini e Aguiar (1993), traduzem-se em um estudo de como inserir a prática da leitura em sala de aula, trazendo etapas de horizontes de expectativas ao

leitor. Sendo a primeira uma coleta de dados pelo professor, para saber como os alunos reagiriam diante de um determinado gênero. Após ele coletar esses dados e apresentar esse gênero, é preciso introduzir o trabalho com um texto de linguagem e entendimento mais simples, para não “assustar” os alunos. Posteriormente, o professor deve apresentar outra obra, porém, dessa vez, com um grau de dificuldade maior, pois os alunos não podem ficar somente na zona de conforto, é preciso instigar, dar continuidade ao conhecimento. Dessa forma, o método permite uma constante evolução, visando propiciar uma maior criticidade, opinião e transformação de ideologia por parte dos alunos. Contudo, os textos trabalhados precisam estar interligados, em algum aspecto, seja temático, linguístico ou estrutural.

Passadas essas etapas, há o questionamento do horizonte de expectativa, na qual “a classe exerce sua análise, decidindo quais textos, através de seus temas e construção, exigiram um nível mais alto de reflexão e diante da descoberta de seus sentidos possíveis, trouxeram um grau maior de satisfação.” (BORDINI & AGUIAR, 1993, p. 90)

Por fim, a etapa de Ampliação de horizonte de Expectativa revela se ocorreram mudanças, assim como a capacidade de decifrar o que não era conhecido. Essa etapa final “é o início de uma nova aplicação do método, que evolui em espiral, sempre permitindo aos alunos uma postura mais consciente com relação à literatura e à vida. Alguns requisitos são básicos, porém, para que o aluno atinja tal estágio de atuação.” (BORDINI & AGUIAR, 1993, p.91).

Dessa forma, a metodologia utilizada no período de regência se fez eficaz, pois foi constatado que os alunos se interessam por literatura, mas para que essa atividade tenha um resultado satisfatório, é preciso que seja trabalhado de uma forma diferente, com uma metodologia mais aprimorada, a qual, uma das melhores opções, que, inclusive orienta as DCE’S (2008) de Língua Portuguesa, é a teoria da Estética da Recepção.

O GÊNERO CONTO: O CONTO DE MACHADO DE ASSIS E O ENSINO DA LITERATURA.

O conto é um gênero de origem desconhecida, mas que atinge a maturidade literária no século XIX, com contistas de destaque como, entre tantos, Machado de Assis e Eça de Queirós, para ficar em apenas dois exemplos da literatura de língua portuguesa. Esse gênero caracteriza por ser uma narrativa curta, um texto em prosa que traz temáticas tão complexas quanto a dos grandes romances, em um reduzido número de páginas ou linhas, como salienta Gotlib no seu livro *Teoria do Conto*, citando Alceu Amoroso Lima,

O tamanho, portanto, representa um dos sinais característicos de sua diferenciação. Podemos mesmo dizer que o elemento quantitativo é o mais objetivo dos seus caracteres. O romance é uma narrativa longa. A novela é uma narrativa média. O conto é uma narrativa curta. O critério pode ser muito empírico, mas é muito verdadeiro. É o único realmente positivo (GOTLIB, 2003, p. 64)

A conceituação dos elementos de um conto por Bander Matthews “é uma narrativa breve; desenrolando um só incidente predominante e uma só personagem principal, contém um assunto cujos detalhes são tão comprimidos e o conjunto do tratamento tão organizado, que produzem uma só impressão” (in GOTLIB, 2003, p.60).

Além disso, para um conto ser considerado uma história boa, precisa de força, clareza e compactação, Dessa forma, para Gotlib, o conto

Deve ser forte – e ter a capacidade de marcar o leitor, prendendo-lhe a atenção, não deixando que entre uma ação e outra se afrouxe este laço de ligação. O excesso de detalhes desorienta o leitor, lançando-o em múltiplas direções. E deve ser compacto – deve haver condensação dos elementos. Tudo isto, com objetividade (GOTLIB, 2003, p. 43)

Para a autora citada, no conto, há características da fábula, por ser breve e ter por objetivo instrutivo, e da parábola que privilegia o sentido realista e moralista, conservando a situação do contexto. A autora apresenta a elaboração de um conto segundo Poe, no qual é trabalho consciente, que se faz por etapas, sendo

Concebido, com cuidado deliberado, um certo efeito único e singular a ser elaborado, ele então inventa tais incidentes e combina tais acontecimentos de forma a melhor ajudá-lo a estabelecer este efeito preconcebido. Se sua primeira frase não tende à concretização deste efeito, então ele falhou em seu primeiro passo. Em toda a composição não deve haver nenhuma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não esteja a serviço desde desígnio preestabelecido. (in GOTLIB, 2003, p.35)

Dessa forma, o conto tem por objetivo com o mínimo de meios, o máximo de efeitos de sentido, devendo produzir em quem o lê, um efeito de impacto. Esse efeito tanto pode resultar da natureza insólita do que foi contado, da feição surpreendente do episódio ou do modo como foi contado. Por isso, são mais atraentes aos estudantes dessa faixa etária uma vez que, por meio dos contos, podemos aproximá-los da nossa realidade, estimulando a reflexão e a imaginação. Para Zilberman, isso é relevante na medida em que

A obra de ficção avulta como o modelo por excelência da leitura, pois, sendo um imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada. Pelo contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche estas lacunas, dando vida o mundo formulado pelo escritor. Desde modo, à tarefa de deciframento se implanta outra: a de preenchimento, executada particularmente por cada leitor, imiscuindo suas vivências e imaginação. (ZILBERMAN, 1985, p.19)

Assim, a literatura tem a função de contribuir para a formação de um leitor crítico, além de poder provocar o apreço por esta, sendo a escola o lugar onde o aluno tem esse acesso à literatura, como aponta Zilberman:

A escola pode transformar um indivíduo habilitado a leitura em um leitor, ou não, pode também afastar a criança de qualquer leitura. Em virtude destes aspectos contraditórios, não apenas se trata de enfatizar o valor da leitura enquanto procedimento de apropriação da realidade, mas também de delimitar o sentido do objeto através do qual ela se concretiza: a obra literária. Pois, acreditando-se que o ato de ler, em decorrência de sua natureza, se reveste de uma aptidão cognitiva, esta não de complementa sem o texto que demanda seu exercício. (ZILBERMAN, 1985, p. 17)

Os contos machadianos, geralmente trazem duplos sentidos ou até mais, aparecendo muitas figuras de linguagens, como a metáfora e a ironia, apresentando profundas análises psicológicas dos personagens, por meio das quais praticamente “seqüestra” o leitor para dentro do mundo literário. Gotlib enfatiza que os contos de Machado “traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido, mais ou menos desculpável” (GOTLIB, 2003, p. 77).

Machado também é considerado um dos melhores escritores brasileiros e o maior escritor do Realismo, movimento que foi enfatizado nas aulas ministradas. O foco da leitura nos contos machadianos apresenta como pressuposto que a melhor forma de criar condições para que os alunos se interessem pela prática da leitura, sendo essa uma atividade agradável, é por meio da literatura.

DA TEORIA À PRÁTICA: O CONTO MACHADIANO EM UMA LEITURA DA TEMÁTICA

Após uma análise das aulas assistidas e o levantamento do problema, a regência consistiu na prática discursiva da leitura, elegendo como corpus do trabalho alguns contos do escritor realista Machado de Assis. Nesse sentido, primeiramente foram apresentadas as características do gênero conto, seguindo a metodologia de ensino desenvolvida pelas professoras Bordini e Aguiar (1993), a

partir dos aportes teóricos da Estética da Recepção, no qual se deve introduzir o gênero para, posteriormente, estudá-lo.

Em um segundo momento, tendo como foco o estudo da temática do adultério nos contos machadianos, foi apresentado o conto de Dalton Trevisan – “A Última Carta”, por ser um conto que possui uma linguagem mais simples e de fácil entendimento, que segundo o Método Receptional, se faz necessário, pois é preciso

Proporcionar à classe experiências com os textos literários que satisfaçam as suas necessidades em dois sentidos. Primeiro como objeto, uma vez que os textos escolhidos para o trabalho em sala de aula serão aqueles que correspondem ao esperado. Segundo quanto às estratégias de ensino, que deverão ser organizadas a partir de procedimentos dos alunos e de seu agrado. (BORDINI & AGUIAR, 1993, p.88)

A escolha por um conto contemporâneo de Dalton Trevisan deveu-se ao fato de que, conforme afirma Bosi em consonância com os pressupostos do Método Receptional, o ensino de literatura deve-se começar pelo que é conhecido e “verificar também se o texto motiva de alguma forma, os adolescentes” (BOSI, 1981, p.103), para depois chegar aos textos mais clássicos. Segundo Bosi, “o mais justo seria começar de um certo moderno, não do moderno de agora, do contemporâneo, mas de um certo moderno para trás.” (BOSI, 1981, p.102). Para o autor uns dos objetivos do ensino de literatura é “colocar o pré-adolescente e o adolescente em contato com valores(...) O adolescente precisa sentir nos textos tudo aquilo que a cultura e a civilização têm produzido como expressão do homem em favor do homem: valores morais, políticos, afetivos.” (BOSI, 1981, p. 104-105).

Para a terceira etapa, que consiste no rompimento do horizonte de expectativas dos alunos, as autoras do método receptional ressaltam a importância de se trabalhar com diversos textos, enfatizando a comparação entre o familiar e o novo, sendo que o aluno precisa construir e usufruir da sua criatividade na compreensão dos textos, pois um texto não traz algo acabado em seu universo temático, devendo abordar textos com mais complexidade temática ou linguística “que abalem as certezas e costumes dos alunos, seja em termos de literatura ou de vivência cultural” (BORDINI & AGUIAR, 1993, p. 89), foi discutido o conto de Machado de Assis, “Missa do Galo”, o qual apresenta a mesma temática do anterior, mas com uma estrutura linguística e narrativa mais complexa. O conto foi lido em conjunto, e cada aluno leu uma parte, sendo, posteriormente, feita uma discussão sobre este, na qual os alunos puderam compreender melhor do que se tratava no conto, obtendo, dessa forma, uma melhor recepção. Os alunos, principalmente as meninas, ficavam indignadas ao saber que no século XIX era considerado normal os homens traírem as mulheres, porém não era normal as

mulheres traírem seus maridos, pois nos contos sempre aparecem às mulheres como adúlteras, uma vez que gerava um certo espanto naquela época.

Logo após, foi apresentado aos alunos um vídeo do cantor Latino, intitulado “Amigo Fura Olho”, que trata da mesma temática do conto que seria discutido, que era “A Cartomante”, de Machado de Assis. Os alunos, em geral, gostaram muito desta atividade, pois trabalhando com gêneros diferentes que representam o mesmo tema, provocou uma atenção maior nos mesmos, fazendo com que eles compreendessem melhor o que seria abordado no conto.

Posteriormente, foi proposto um trabalho de comparação entre os contos apresentados, refletindo sobre o modo como cada um, em relação ao seu momento histórico-cultural, representa ficcionalmente a temática do adultério.

É relevante mostrar a intertextualidade temática entre os contos, pois segundo Bordini e Aguiar (1993), é preciso romper o horizonte de expectativa inicial dos alunos, que seria a apresentação do gênero conto, seguindo da introdução de um conto de fácil entendimento, para depois propor um trabalho com um conto mais aprimorado em suas formas, conteúdos e linguagem. Porém, estes textos precisam ter alguma característica em comum, podendo ser a estrutura, o tema, a linguagem ou o tratamento. Nesse caso, a característica é o tema – Adultério.

Por fim, foram apresentadas aos alunos algumas propagandas do Bom Bril, as quais trazem uma figura de mulher feminista ao extremo, diferentemente das mulheres apresentadas nos contos. Sendo proposto um debate, no qual a sala foi dividida em dois grupos, no qual um grupo argumentou a favor da propaganda e outro contra. Essa atividade surpreendeu, pois os alunos se envolveram, usaram argumentos, foram críticos, participando realmente das discussões. Após o debate, os estudantes produziram um pequeno texto comparando as mulheres dos contos analisadas até o momento, com as mulheres que foram apresentadas no vídeo. De modo geral, os textos produzidos pelos alunos foram ótimos, pois pode-se concluir que eles já possuíam certa criticidade e argumentos. Sendo os contos machadianos difíceis e herméticos, os alunos tiveram uma boa receptividade, crendo pelo modo como estes foram trabalhados, pois se tivesse apresentado primeiramente os contos machadianos, sem anteriormente prepará-los, eles poderiam ter-se “assustado” ou ignorado o trabalho proposto.

Foram trabalhados também os contos “*Um Apólogo*” e “*Uns Braços*”, ambos Machadianos, sendo esse último conto, aplicado na avaliação. Essa metodologia foi embasada na teoria da Estética da Recepção, de Jauss, explicitada por Bordini e Aguiar. Para as autoras,

A transformação do horizonte de expectativas, no caso de um estudante, alvo primeiro do método recepcional de ensino de literatura, depende, pois, da operacionalização de alguns conceitos básico: receptividade, disponibilidade de

aceitação do novo, do diferentes, do inusitado: concretização, atualização das potencialidades do texto em termos de vivências imaginativas; ruptura, ação ocasionada pelo distanciamento crítico de seu próprio horizonte cultural, diante das propostas novas que a obra suscita; questionamento, revisão de usos, necessidades, interesses, idéias, comportamentos; assimilação, percepção e adoção de novos sentidos integrados ao universo vivencial do indivíduo. (BORDINI & AGUIAR, 1993, p. 88).

Vale ressaltar, que a teoria da recepção é de real valor para os ingressantes nessa área de educação, trazendo inovações em métodos de inserir a leitura em sala de aula e possibilitando a melhoria nas condições de aprendizagem do aluno, para que este crie apreço pela leitura e, conseqüentemente, que esta se torne prática de sua vida fora da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a teoria da Estética da Recepção, observamos a função do professor, que é de criar condições para que a prática de leitura se efetive em sala de aula, mostrando que, em muitas circunstâncias, o professor deve estar preparado para diversos fatores, gerando uma ideia de sucesso na prática, porém sabemos que muitas vezes isso não ocorre, devido aos diferentes contextos que cada professor está inserido.

Contudo, é preciso tentar, inovar, diferenciar em relação a metodologias, pois vemos que muitas escolas, atualmente, seguem um modelo tradicional de leitura, em que o professor lê, os alunos escutam, depois há uma atividade somente decodificativa, sem uma real discussão para a compreensão do texto, fixando somente a superficialidade do texto. E o Método Receptional nos proporciona a possibilidade de uma mudança significativa no ensino de literatura nas escolas.

Assim, com a experiência vivenciada dentro da sala de aula, na qual o objetivo era propiciar aos alunos a leitura de contos machadianos, considerados herméticos e complexos, comprovou-se que o trabalho com a literatura chama a atenção do aluno. Contudo, esse tipo de trabalho com a literatura, muitas vezes, tem sido deixado de lado, pois há muitos professores que ainda acreditam que os alunos não se interessam por tal atividade, ou é algo que aparentemente não é necessário, preferindo, dessa forma, ensinar conceitos gramaticais.

Sendo de suma importância, o dever que a escola tem em possibilitar aos alunos o acesso às diferentes práticas de leitura, pois, por meio destas práticas, que o aluno se tornará um indivíduo crítico e social.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco **Machado de Assis: Contos**. 5.ed. São Paulo: Objetiva, 1998.

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: A formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BOSI, Alfredo. "Literatura e Ensino de Literatura". In ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Literatura e Ensino: Uma Problemática**. São Paulo: Ática, 1981.

CANDIDO, Antônio, In: Fester, A. C. Ribeiro (org) **Direitos Humanos e Literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antônio. "Esquemas de Machado de Assis". In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1970.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do Conto**, 10. ed. São Paulo: Ática, 2003

JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de língua portuguesa para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio**. Curitiba, PR, 2008.

TREVISAN, Dalton. **Guerra Conjugal**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. "Estética da Recepção". In: ZOLIN, Lúcia Osana & BONNICI, Thomas (orgs.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e Tendências Contemporâneas**. 3. ed. rev. e ampl. Maringá. Eduem, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.